RESGATE DE UMA DÍVIDA

Rubens Falcão

Pela Comissão Fluminense do Sesquicentenario da Independencia, pronunciou o nosso conterrâneo Rubens Falcão, socio correspondente deste Instituto e membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio, onde exerceu o cargo de Secretário de Educação, o seguinte discurso, na solenidade realizada nos jardins do Museu Imperial em Petrópolis, no dia 29 de agosto de 1972:

"Tenho a honra de fazer entrega a esta Cidade, em nome da Comissão Estadual das Comemorações do Sesquicentenário da Independência, do busto da sereníssima senhora D. Maria Leopoldina, nascida em Viena d'Áustria a 22 de janeiro de 1797 e falecida como regente do Brasil a 11 de dezembro de 1826, antes de completar 30 anos. Obedeço a uma ordem do ilustrado Presidente da mesma Comissão, meu preclaro amigo Desembargador Romeu Rodrigues Silva, que determinou através do vosso e também muito nosso Professor Paulo Machado, fosse este modesto orador o intérprete dos seus sentimentos e dos seus liderados nesta solenidade. Não escondo a satisfação com que recebi a incumbência, embora reconhecendo, — sem falsa modéstia o proclamo —, que melhor estaria ela em mãos de qualquer dos meus prezados companheiros daqueles notáveis encontros em Niterói. Grande é, porém, a alegria de me achar em vosso meio, sobretudo em um instante como este, que deve ser considerado o resgate de uma dívida para com aquela que passou à História como a mais doce, a mais leal, a mais tranquila das esposas. Sua alma era feita de arminho, do mais puro metal o seu caráter, e o coração, que dizer do coração, que pulsou até o fim pelo companheiro que o destino lhe reservara?... Extraordinária mulher, culta e inteligente, havendo recebido educação primorosa na Corte de um dos mais influentes soberanos da Europa, chefe da "Santa Aliança", o Imperador Francisco I, de quem fora a segunda filha. "Religiosa sem superstição", — relata um viajante francês —, "humilde sem baixeza, amável sem perder jamais o sentimento da própria dignidade, era o manto de todos os que a conheciam e a quem inspirava admiração, respeito e amor. Derramava benefícios sem ostentação e era sua suprema ventura fazer o bem. Nisto se ia a maior parte da sua dotação". Eis como a vira, fixando-lhe o perfil, Ferdinand

Dênis: "Olhos azuis, traços regulares, belas cores, cabelos de um louro dourado, produzindo-lhe notável contraste com as pessoas que a cercavam e cujos traços meridionais lhe emprestavam um ar inteiramente diverso. Mas o que de mais notável havia na jovem princesa era essa expressão de perfeita bondade e doçura que não a abandonou jamais durante o curso limitadíssimo da sua vida. Essas qualidades pessoais e excelência de coração, que logo nela se distinguiam, captaram-lhe, à primeira vista, a estima do marido e tornaram-na, desde logo, o alvo das mais vivas atenções".

D. Leopoldina de Habsburgo amou o Brasil antes mesmo de o conhecer. Escolhida para esposa de D. Pedro "no jogo incerto dos casamentos principescos", logo se interessou pela língua do novo país, a sua história, a sua geografia, as suas produções, os seus usos, os seus costumes. À tia e confidente D. Maria Amélia, escrevia a 16 de dezembro de 1816, antes, portanto, de embarcar para o Brasil: "A viagem não me intimida. Creio ser predestinação, pois sempre tive um pendor singular pela América e, ainda criança, dizia constantemente que desejava visitá-la". E em outra missiva à mulher de Luís Felipe, — leio no embaixador Sérgio Corrêa da Costa: — "— Sabendo que a senhora compartilha de tudo quanto me dá prazer, ouso anunciar que o retrato do Príncipe chegou há poucos dias. Acho-o agradável, e a sua fisionomia exprime muita bondade e espírito, e todos também afirmam que ele é bom, querido do povo e muito dedicado; meu único objetivo é fazer o possível por torná-lo feliz; espero conseguí-lo, buscando a minha própria felicidade no cumprimento dos meus deveres". Estudiosa de Botânica e Mineralogia, trouxe consigo renomados cientistas, que permaneceram entre nós e nos legaram trabalhos de valimento insuspeitoso.

Não cabe ao orador de uma solenidade como esta, breve por sua natureza, estender-se em reflexões sobre a figura exemplar da irmã de Maria Luísa, imperatriz dos franceses, e sobrinha de Maria Antonieta. Mas há aspectos da sua personalidade e atuação no Processo da Independência que precisam e devem ser ressaltados.

Desde o episódio do "Fico", a 9 de janeiro de 1822, manifestou-se claramente o interesse de Sua Majestade pelo futuro político da pátria de adoção. A Independência teve a ampará-la — diz o Conselheiro Antônio de Menezes de Vasconcelos Drumond — "os carinhos, a dedicação terna e nobre" da excelsa dama. "Fui testemunha ocular" — acrescenta ele — "de que a Princesa Leopoldina cooperou vivamente, dentro e fora do País, para a Independência do Brasil. Debaixo deste ponto de vista, o Brasil deve à sua memória gratidão eterna". Escrevendo a D. Pedro, a 1.º de agosto de 22, exortava a augusta filha de Francisco I: "O Brasil será em vossas mãos

um grande País. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará a separação. O pomo está maduro. Colhei-o já!" Que melhor e mais eloqüente prova de interesse e de amor pela causa que já empolgava os espíritos, se lhe poderia exigir?... Entre a Princesa e José Bonifácio, que a estimava sinceramente e lhe admirava as virtudes, houve a 17 de janeiro de 1822 a cena que nos é assim descrita por Viriato Corrêa:... "O Príncipe meu marido foi muito feliz em nomeá-lo seu ministro. — José Bonifácio teve um movimento de quem não ouvira direito: Em nomear quem? — V. Exa., Sr. Conselheiro. — Nomear o quê? — Ministro da Pasta do Reino, Justiça e Estrangeiros. — Eu não sabia disto Eu não posso ser ministro. Estou velho, cansado, e nada e nada entendo de política. — A Princesa não o interrompeu. Só quando ele se calou foi que ela resolveu falar: — Conselheiro, se um pedido meu lhe merece acatamento, eu o faço com o maior empenho: aceite a nomeação. A situação do Brasil é melindrosa. Estamos a preparar a nossa emancipação. Mais dia menos dia estaremos separados de Portugal. Já todos nós sentimos que a nossa independência é inevitável. — E depois de um segundo de pausa: — Vossa Excelência, melhor do que eu, sabe quanto são difíceis e perigosos esses momentos para um país. E' preciso ter homem ao leme, homem que não tenha medo dos temporais e saiba como se faz boa navegação. Meu marido é muito moço. Precisa de um piloto hábil ao leme do barco. — E fitando o velho paulista: — E esse homem é Vossa Excelência, Senhor Conselheiro. E' Vossa Excelência, pelo saber, pela experiência da vida, pelo equilíbrio que a idade já lhe deu, pelo prestígio do seu nome e pelo patriotismo. O meu marido, guiado por Vossa Excelência, caminhará com firmeza e com êxito. Não lhe negue esse favor. Nem a ele, nem ao Brasil. — E sorridente, com uma centelha de entusiasmo nos olhos azuis: — E' preciso formar a Pátria Brasileira. E' preciso que o Brasil deixe a sua condição de colônia para ser pátria independente. E, para realizar essa nobre aspiração do povo, o Brasil precisa de tudo quanto lhe queira dar o Senhor Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva. — E antes que José Bonifácio, emocionado, conseguisse falar, ela, com um tom de voz de infinita sedução, perguntou: — Posso comunicar a meu marido que Vossa Excelência será o seu ministro? — Alteza, — respondeu José Bonifácio, comovido até o fundo da alma: — Não tenho forças para resistir às vossas ordens".

Ainda aí, nesse diálogo entre a Princesa e o glorioso paulista, em uma das salas da Fazenda de Santa Cruz, revela-se a grandiosidade de espírito, a elevação, a inteireza de caráter de D. Maria Leopoldina, que se inquietava ante as ordens absurdas emanadas de Portugal e a crescente, a incontida aflição que sabia dominar todas

as camadas sociais. "Paladina da Independência, foi para o povo brasileiro, bem se pode dizer, a sua primeira mãe, cujo simile moral em tudo digno de si, só teve par em D. Teresa Maria Cristina, nossa terceira imperatriz; santa heroína do ciclo da Independência, sofreu também, como sóror Joana Angélica de Jesus, o seu martírio moral pela suprema causa da Pátria" — escreveu o historiador Max Fleiuss. Para Monsenhor Pinto de Campos, ela foi a "adorável princesa, da mais vasta instrução, dos mais extraordinários talentos, da mais severa virtude, do mais delicado trato, dos mais austeros princípios, da mais generosa singeleza". Por duas vezes governou o Brasil como sua imperatriz regente: de 13 de agosto a 14 de setembro de 1822 e de 24 de novembro a 11 de dezembro de 1826. Esta última data — 11 de dezembro de1826 — há quase 150 anos dos nossos dias, assinala o termo da sua presença na terra que tanto desejava conhecer, para onde viera em plena florescência da sua juventude e onde, pelo espaço de apenas nove anos, exerceria o mais belo dos apostolados: o apostolado do Bem e da Virtude. Ao Senhor D. João VI amava extremosamente, como a um pai, o que levou Oliveira Lima a dizer que ela tivera entre nós duas grandes amizades: a do sogro, "o seu melhor e único amigo na Corte, a outra, a amizade humilde, anônima, mas imorredoura do povo brasileiro".

Senhoras e Senhores,

Esta solenidade vem patentear a gratidão do governo e do povo deste admirável Estado, em cuja chefia se encontra uma das mais eminentes e representativas figuras de homem público que já transitaram pela sua administração em todo o período republicano, — o Deputado Raymundo Padilha —, àquela que foi a nossa primeira imperatriz. Fazendo inaugurar o seu busto nos jardins do Museu Imperial, nesta manhã inesquecível, presente o que possui a Cidade de mais fino e culto em todos os setores em que se divide a atividade da sua gente laboriosa, a Comissão Estadual do Sesquicentenário homenageia a heráldica Petrópolis e contribui para o resgate de uma divida — deixai que me repita — para com aquela que ajudou a fundar a nacionalidade.

Caminhante de qualquer ponto deste país, detém-te quando por aqui passares. Não verás apenas e efígie de uma mulher, mas de uma santa. Curva-te e ora."